**MISERICORDIOSOS**

Frei Luís de Oliveira, OFM

*Mesário da Irmandade da Misericórdia e de São Roque de Lisboa*

Esquecidos, nós, de pagar a tempo e horas as dívidas de uma presença por amar, de um amor por salvar, de uma pessoa por servir com o melhor do mundo que é a paixão de uma dedicação até à entrega da própria vida, ocupamo-nos, muitos de nós, em tramas fratricidas. O inferno não nos espera, não. Vivemos já nele, com quem ferve de rancor, com quem incendeia no terror em desejos de vingança, com quem desfigura e destrói a vida vocacionada à beleza e à grandeza do seu Criador. Nestes dias, que são os meus, os teus, os nossos, procuramos um lugar nesta terra ao qual possamos chamar com convicção, verdadeiramente, um “paraíso”. Mendigamos a compaixão, à espera de um sentido para a vida dado pela espiritualidade. Precisamos, como de pão para a boca, de um mundo onde a vida possa nascer, crescer e morrer livre, feliz, em paz. Urge o tempo e o espaço da reconciliação com a história, com a mais íntima humanidade de todas as nossas histórias pessoais. Sonhamos um povo liberto a caminho de «uma terra que mana leite e mel». Propomos relações humanas simbolizadas profeticamente numa fraterna convivência entre o lobo e o cordeiro, onde «a criancinha brincará na toca da víbora e o menino desmamado meterá a mão na toca da serpente».

Por tudo isto, e muito mais, a habitual tendência que experimentamos para criticar e encontrar defeitos nos outros tem de ser substituída pela misericordiosa atitude nas apreciações pessoais, pela generosa abertura à doação e pela capacidade de situar-se no lugar do outro. Somos inequivocamente chamados a inventar expressões novas de misericórdia que desarmem quem esteja empenhado em *ser sempre do contra*. A partir da fé cristã, impõe-se criar atitudes e comportamentos que saibam integrar todas as pessoas com um único padrão de medida: o do amor de Deus. E se para isso há que fazer sacrifícios, faça-se! A mãe não precisa que lhe expliquem porque há-de sacrificar-se pelos seus filhos. E se lhe perguntarmos por que o faz, a resposta é tão simples como contundente: «São os meus filhos!». Um dos exemplos do chamamento do carinho que faz a pessoa sentir-se incluída na vida de quem a acolhe e a ama, sem necessitar de razões e porquês, acima da mera legalidade, do cumprimento da norma, ou da simples preocupação de justiça.

A este propósito, outro exemplo. Fixo-me nas pedras, acossado. Nas mãos daqueles homens, os doutores da Lei e os fariseus, que com presunçosa autoridade desejam atirá-las contra quem consideram desprezível pela sua acção, a mulher adúltera. As pedras são naquelas mãos o símbolo de corações endurecidos, de um entendimento enrijecido pelo escrúpulo no cumprimento legalista da Lei, do mal-intencionado objectivo de tramar Jesus e o seu Evangelho. Hoje também não faltam as pedras, nas mãos de presunçosos justiceiros que com indomável fúria procuram castigar os que eles julgam, não por um recto sentido de justiça, mas por um sustentado instinto de vingança e também por um fratricídio preconceito sobre quem parece ou é diferente deles, condenando-os à morte social ou moral ou inclusive física. Matam-nos, mantendo-os vivos até à exaustão, até à perda total de uma qualquer esperança de um sentido para viverem. E não haverá quem esteja matando lentamente nas páginas dos periódicos e nos noticiários em "primetime" até que já não sirvam às audiências, nem gerem ambicionadas receitas?! É assim, numa acção sentenciosa aparentemente justa, que vemos tantas vezes desprezado o valor da vida, ofendida a dignidade do ser humano, desrespeitados os seus direitos, embargada a sua recuperação social e, pior ainda, impedida uma conversão de coração, autêntica, profunda, uma verdadeira terapia.

Neste “quadro clínico” indicativo de algumas “patologias” sócio-religiosas, o Cuidador das Almas e dos Corações - Jesus Cristo - intervém com um curativo invulgar naquele tempo e… ainda hoje! Olha aqueles homens e não os condena, apenas os interpela para uma genuína e honesta autocrítica, fazendo-os ver porventura os seus próprios delitos, e eles «ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos». Olha aquela mulher e, compadecendo-se dela, exposta a um público juízo, inexoravelmente desapiedado e ampliado pelo mediático estatuto dos que a acusam, não a condena, mas prescreve-lhe, como remédio capaz de possibilitar a recuperação da dignidade humana, que não volte a fazer o mesmo, que não repita o erro, que se arrependa e se converta a uma vida saudavelmente nova. A novidade de uma saúde de corpo e alma da qual Jesus é o rosto e a voz, expressão viva da Palavra cheia de misericórdia que reconcilia e transforma o coração humano, que faz novas todas as coisas, que lhe dá um sentido totalmente outro, inédito, fundado na infinita compaixão de Deus misericordoso. Assim, nestes tempos de inclemência, que são os nossos, urge olhar com a visão da fé no ser humano – homens e mulheres – apoiados na confiança em Deus, firmes como Jesus Cristo na condenação do mal e na reabilitação de cada pessoa, incansavelmente misericordiosos, sempre pacientes a confortar e perdoar, de modo que a “chamada para experimentar a misericórdia não deixe ninguém indiferente”.**©LDO**

20160120